



Centro Universitário de Brasília – UNICEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia
Disciplina: Produção de Artigo

A Mídia e as Representações Visuais de Feminilidade e Corporeidade

Autora: Paula Miziara Verlaet

Orientadora: Ana Flávia do Amaral Madureira

Brasília - DF

Julho de 2020

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo analisar como a feminilidade e a corporeidade têm sido representadas na mídia, por meio da perspectiva de mulheres de diferentes idades e diferentes pertencimentos étnico-raciais. Atualmente, vivemos em uma sociedade hiper conectada, na qual somos capazes de influenciar o conteúdo que aparece nas mídias, assim como somos influenciados pelo que consumimos nelas. Nesse contexto, comumente se vê as representações femininas entrelaçadas com padrões estéticos hegemônicos e a falta da diversidade, que podem ser causadores de sofrimento e afetam as relações das mulheres consigo mesmas. Foram realizadas, com três mulheres de diferentes pertencimentos étnico-raciais e idades, entrevistas semiestruturadas individuais, juntamente com a apresentação de imagens relacionadas ao tema selecionadas previamente. Os resultados indicaram que todas as participantes identificam na mídia padrões estéticos hegemônicos e falta de diversidade. Todas elas foram afetadas por consequências desses padrões, como, por exemplo, discriminação relacionada aos seus tipos cabelos ou escolhas pessoais, e relataram sofrimento psíquico relacionado à falta de diversidade de representações e falta de valorização de suas identidades.

Palavras-chave: corporeidade, feminilidade, padrões estéticos hegemônicos, mídia.

O presente artigo procura analisar a forma como a representação feminina na mídia é percebida por mulheres de diferentes pertencimentos étnico-raciais e de diferentes idades, por meio de diálogos entre a psicologia e as artes visuais, com foco nos aspectos culturais e afetivos que circundam a questão. Nesse sentido, esta pesquisa se desenvolveu a partir do seguinte problema de pesquisa: de que forma o feminino e o corpo da mulher representados na mídia influenciam na relação das mulheres com seus próprios corpos e com sua própria feminilidade?

Os dias atuais são marcados por sociedades informacionais e hiper conectadas, na qual somos sujeitos a exposição constante de imagens, fato que revolucionou a forma como nos comunicamos e interagimos com o mundo e com nós mesmos. Isso implica que as mídias influenciam, de diferentes formas, aqueles que consomem o que elas oferecem. Uma das principais discussões que derivam desses processos é a questão da representatividade feminina e a propagação de um padrão de corpo hegemônico na mídia.

Ao observarmos a mídia atentamente em anos recentes, podemos verificar que certas características e certos tipos de corpos têm sido vendidos por ela como “o corpo” que deveria ser almejado pelas mulheres e que constituem a principal representação de beleza, construindo o que poderia ser chamado de um padrão hegemônico de beleza (Vasconcelos, Sudo & Sudo). Com frequência, isso gera sofrimento, uma vez que esse processo é capaz de impulsionar uma busca pela “perfeição” que resulta em um

aumento da insatisfação das mulheres com seus próprios corpos e, conseqüentemente, aumento do mal-estar (Harrison, 2000; Vasconcelos, Sudo & Sudo, 2004).

Isso se torna possível na contemporaneidade uma vez que o crescimento e a disseminação do uso de aparelhos eletrônicos, que transformam as sociedades em um emaranhado de telas, caracterizada pelo excesso de comunicação e informação e de representações visuais, a imagem se torna a realidade, ao invés de apenas representá-la. Nessa confusão, surge a noção de um “corpo ideal” (Novaes, 2013).

Podemos perceber, portanto, que existem fatores sociais e influências culturais nesse estabelecimento do que se considera atraente, o que nos chama atenção para a influência que o outro pode ter na percepção de si mesma de uma pessoa (Rosenblum & Lewis, 1999). Assim, é válido questionarmos os impactos que a falta de diversidade de representações, em termos de aparência corporal, que, infelizmente, ainda é uma realidade na atualidade, pode ter naquelas mulheres que, talvez, não se vejam representadas na mídia.

Partindo de reflexões semelhantes a essas, Grabe, Hyde e Lindberg (2007) realizaram um estudo quantitativo longitudinal que propôs investigar se a objetificação possuía impactos negativos, sugerindo articulação entre objetificação e depressão, em adolescentes. Os resultados do estudo comprovaram a relação entre a depressão e a objetificação e verificaram que a auto objetificação em meninas adolescentes cria um contexto de vulnerabilidade cognitiva que aumenta seu risco de desenvolver depressão (Grabe, Hyde & Lindberg, 2007). Esse estudo nos permite perceber a gravidade do sofrimento e do mal-estar que a insegurança corporal provoca.

Ainda, é possível perceber o impacto que a mídia e as representações visuais possuem sobre os corpos na contemporaneidade quando se percebe a força que elas têm ao serem ditadoras de ideais de beleza. Ao longo dos anos, com a popularização do uso das redes sociais, houve aumento na quantidade de procedimentos estéticos feitos que acompanham as tendências de beleza que aparecem em seus *feeds*. Um estudo de 2017 feito pela Academia Americana de Cirurgiões Plásticos, por exemplo, mostrou que 55% das pessoas que realizaram rinoplastias naquele ano foram motivadas por melhorarem sua aparência em *selfies* (Eiras, 2020)¹. Diante desses dados, surgem reflexões acerca dos processos de representações visuais na mídia e seu impacto na vida de mulheres.

¹ Disponível em: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais>

A construção das identidades

As identidades podem ser descritas como algo construído simbólica e socialmente que serão marcadas pela diferença, adquirindo sentido por meio dos sistemas simbólicos através dos quais são representadas. Dessa forma, as identidades possuem um aspecto relacional, ou seja, são construídas nas relações entre pessoas, culturas ou sociedades (Woodward, 2000). Isso significa que tanto o simbólico quanto o social terão um papel importante na constituição das identidades, uma vez que é o simbólico que atribui sentido às relações sociais e são nas relações sociais que se dão as diferenças sociais (Woodward, 2000).

O estabelecimento dessas diferenças que marcam as identidades pode ser feito por meio dos sistemas simbólicos ou por meio de formas de exclusão social (Woodward, 2000). Isso será regulado por sistemas classificatórios que aplicam um princípio de diferença em um grupo dividindo-o em grupos menores e, algumas vezes, opostos, que podem ser divididos, por exemplo, por etnia ou sexualidade. Assim se produz significados e se confere ordem à vida social, o que se traduz em falas, atitudes e rituais (Woodward, 2000).

Essas diferenças podem acabar sendo construídas negativamente, com a exclusão do outro considerado “inferior”, mas podem também acabar por constituir uma diversidade enriquecedora na cultura na qual tal diferença se manifesta (Woodward, 2000). Essa valorização da diversidade cultural é constatada quando se reconhece que o conjunto de diferentes características, decorrentes da diversidade em si, gera ambientes de maior produtividade, especialmente no mundo contemporâneo, que é tão marcado pela sua heterogeneidade (Galinkin & Zauli, 2011).

Ainda, a construção negativa da diferença mencionada está também refletida nos preconceitos. No entendimento dos preconceitos de diversas ordens como fenômenos de fronteira, é possível reconhecer suas raízes históricas e afetivas e reconhecê-los como fronteiras rígidas e simbólicas que criam barreiras culturais entre indivíduos e grupos, cuja tentativa de transgressão resulta em práticas discriminatórias, como a exclusão e a intolerância, por exemplo (Madureira & Branco, 2015).

Tendo em vista que a identidade é marcada pela diferença, é possível afirmar que a formação das identidades sociais vai resultar a partir da comparação entre um “nós” e um “eles” e a categorização dessas comparações vai formar os grupos e os estereótipos, que surgem com o intuito de preservar sistemas de valores e diferenciar grupos (Galinkin & Zauli, 2011). Porém, antes de alguém se considerar parte de um

grupo, é preciso que haja algum tipo de envolvimento emocional, o que resulta na busca pelas pessoas de serem parte de grupos valorizados socialmente (Galinkin & Zauli, 2011).

O que ocorre, na realidade, é que a comparação, por vezes, resulta na percepção social negativa de determinadas identidades, o que pode provocar o distanciamento ou dissociação de alguns indivíduos de alguma característica de sua identidade que seja percebida negativamente. Ou seja, uma pessoa de determinada identidade, que é percebida negativamente pela sociedade, pode tentar se separar ou deixar de se identificar com aquela identidade. No entanto, no caso de mulheres e pessoas negras, por exemplo, a solução seria a valorização de aspectos inerentes a essas identidades pelos próprios indivíduos que as compõem como forma de adquirir reconhecimento e afirmação. Essa seria a solução uma vez que esses constituem uma categorização de identidades que implicam discriminação e desvalorização social e das quais a dissociação não é viável. Isso funciona uma vez que o que define as diferenças entre os grupos são as fronteiras simbólicas entre eles e não aspectos objetivos (Galinkin & Zauli, 2011).

Corpo, identidade e mídia

Uma vez que damos sentido às nossas experiências e à quem somos através dos significados que derivam das representações, chama-se atenção para a discussão desenvolvida por Woodward (2000), que afirma que o corpo também é capaz de servir como fundamento da identidade, uma vez que se relaciona com a definição de quem somos. Tal afirmação é significativa quando se discute as representações acerca do feminino difundidas na mídia na atualidade, já que o corpo se relaciona tão intimamente com a formação das identidades de gênero e das identidades sexuais, que são temas que fazem parte dessa discussão.

Essa perspectiva nos remete à sociologia do corpo, que sugere a compreensão do corpo humano como fenômeno socialmente e culturalmente significativo e como objeto de representações e imaginários (Le Breton, 2007). Isso significa que o corpo é veículo de sentido, delineado pelo seu contexto social e cultural, através do qual se constrói relação com o mundo (Le Breton, 2007). Do corpo surgem significações que servem de base tanto para a existência individual quanto para a existência coletiva, uma vez que ele serve como mediador das relações com o mundo e é através dele que o indivíduo se apropria de sua experiência de viver nesse mundo. Assim, é possível dizer que a expressão corporal é influenciada por aspectos sociais, mesmo quando ela ocorre

individualmente. E esse mesmo corpo, local onde ocorre contato em primeira mão com o mundo, se encontra, na atualidade, sob o foco do holofote da mídia (Le Breton, 2007).

Nesse sentido, destaca-se o poder da mídia de influenciar e construir identidades se tiver apelo para aqueles que se utilizam dela e se fornecer imagens com as quais esses se identificam, o que se torna relevante à medida que as mídias são um dos fatores capazes de contribuir para o estabelecimento de quais grupos serão marginalizados. A representação e a cultura possuem papéis determinantes na produção de significados que envolvem a sociedade e a relação entre sujeitos, o que resulta, conseqüentemente, na preocupação com a questão da identificação (Woodward, 2000).

É possível compreender a cultura como um processo construtivo. A partir disso, percebe-se que o mundo total dos indivíduos é formado por recursos que são transformados em um mundo de significados. Esses significados conduzem valor e essas atribuições de valor se tornam símbolos que são capazes de regular comportamentos sociais (Valsiner, 2012). A Psicologia Cultural, como descrita por Valsiner (2012), entende a cultura como processo ao compreendê-la como um organizador dos processos psicológicos que é intrínseco aos indivíduos. Assim, dentro dos sistemas psicológicos humanos, que vão desde a forma como as pessoas sentem, pensam e agem até a forma como se relacionam umas com as outras, a cultura assume um funcionamento processual e dinâmico. Nessa compreensão de cultura, a participação dos indivíduos em diferentes grupos sociais, sejam esses grupos étnicos ou sistemas de crenças religiosas, vai fornecer subsídio para o sistema psicológico dentro do qual a cultura se encontra inserida (Valsiner, 2012).

Com a globalização, que trouxe consigo transformações econômicas, políticas, culturais, entre outras, houve também conseqüências na produção de novas identidades em função de mudanças na forma como as pessoas consomem e produzem. As novas identidades se relacionam com uma cultura global mais homogênea que tanto distancia quanto reafirma as identidades e as diferenças, nacionais e locais (Woodward, 2000). Essas sociedades informacionais e hiper conectadas da atualidade resulta em uma época na qual o poder do visual, e, conseqüentemente, da mídia, se intensificou, assim como seu potencial de produzir significados (Loponte, 2002).

O corpo feminino e suas representações

As mudanças nas sociedades provocadas pelo processo de globalização afetam diversas esferas da vida social na contemporaneidade, que atravessam desde os

processos de identificação dos sujeitos até as representações artísticas, por exemplo. Essas mudanças se refletem nas práticas artísticas, uma vez que essas têm encontrado multiplicidade em seus modos de produção, exposição, representação e recepção. Essa multiplicidade, por sua vez, remete a uma incerteza quanto aos limites, gêneros e identidades associados à arte (Santaella, 2012).

No entanto, formas de produção artística expostas na mídia não são novas, podem ser observadas ao longo da história da arte ocidental e favorecem o olhar masculino (Loponte, 2002). Essa história mostra a recorrência na retratação do corpo feminino sob o olhar masculino, consolidando a representação feminina associada à submissão e à passividade, o que transforma esse corpo em objeto visual que deve ser contemplado (Loponte, 2002). Tal prática solidifica esse entendimento até os dias atuais, engessa a produção de identidades sexuais e de gênero e resulta em práticas sociais específicas (Loponte, 2002).

A objetificação e passividade socialmente atribuída à figura feminina, consolidadas em grande parte das sociedades ocidentais, hoje se perpetuam principalmente nas representações difundidas na mídia, “engessam” as mulheres em uma posição de submissão e contemplação masculina que é refletida na cultura e nas relações sociais entre pessoas e entre ela e o mundo. Um dos resultados disso é uma falta de diversidade que deriva de uma relação de poder entre o que está sendo representado e o espectador masculino para o qual essa imagem está destinada (Berger, 1980).

O poder dessa forma de produção artística está no fato de a beleza nas sociedades ocidentais, principalmente quando atribuída à mulher, se apresentar como virtude, no sentido de que a beleza é aquilo que atribui valor à mulher, enquanto o homem se encontra, com frequência, no lugar daquele que compara e julga. Os critérios de beleza expressam o poder de situar a mulher como subordinada em relação ao homem, independentemente de quais critérios sejam adotados na época em questão (Le Breton, 2016).

Em consequência disso, as pessoas se encontram acostumadas em relação às representações de corpos femininos idealizados e padronizados que buscam disseminar a forma como a mulher deve almejar ser e o que o homem deve apreciar e considerar atraente. O corpo feminino se torna despersonalizado, objetificado. Essa representação produz sentido e configura um exercício de poder que afeta a forma como as questões da sexualidade e do gênero são entendidas no cotidiano. Desse modo, percebe-se como

aquilo que é visual afeta aquele que o contempla e, a partir disso, é possível perceber os impactos que o social e o cultural têm sobre a sexualidade e as relações de gênero (Loponte, 2002).

Nesse sentido, observa-se os impactos que as representações visuais têm sobre o ser humano. Isso ocorre uma vez que, no decorrer da história humana, em diversos contextos culturais, as expressões artísticas das artes visuais vêm representando os valores e a forma como o mundo é visto pelas pessoas. Esse desdobramento da produção das artes visuais se relaciona, invariavelmente, ao fato de o ser humano estar constantemente produzindo significados e ser uma criatura simbólica, que possui papel ativo nesses processos de significação em sua relação com o mundo (Madureira, 2016).

Vale ressaltar, então, que as imagens, quando apresentam certo significado que só pode ser entendido com o conhecimento de determinadas convenções culturais, se tornam imagens simbólicas, o que nos permite dizer que a compreensão de uma representação visual exige a compreensão das convenções culturais que a circundam. Tal fato significa dizer que a decodificação e compreensão do simbolismo das representações visuais pressupõem conhecimentos acerca da cultura na qual essas representações se inserem (Santaella, 2012).

Assim, pode-se dizer que imagens são artefatos culturais que expressam os processos de significação decorrentes da existência dos indivíduos em contato com o mundo, servindo, portanto, como instrumentos psicológicos, que se tornam possíveis a partir da cultura e que norteiam as vivências das pessoas no mundo (Madureira, 2016). As imagens possuem tanto poder porque a visão é o sentido que nos estabelece no mundo no qual vivemos, uma vez que, por meio do olhar, aquilo que se vê fica ao alcance de quem olha e assim pode ser percebido, e porque a forma como vemos o mundo é influenciada pelo que conhecemos, sentimos e acreditamos (Berger, 1980).

Isso significa que a nossa percepção de uma imagem depende do nosso modo de ver o mundo e que a forma como uma imagem é apresentada influencia a forma como ela é vista. A forma como a imagem é vista é subjetiva e influenciada profundamente por pressupostos presentes na cultura (Berger, 1980). Significa ainda dizer que ver não constitui atividade passiva, mas remete à aprendizagem, uma vez que nunca é ato insignificante e, por si só, se apropria de algo (Le Breton, 2016).

Portanto, afirma-se que os processos de construção de significados não são desprovidos de sentimentos, mas integram aspectos culturais com aspectos biológicos e aspectos subjetivos. As artes visuais, então, envolvem sentimento e cultura e são

artefatos culturais. Em sua qualidade de artefatos culturais, objetos artísticos podem contribuir para o entendimento e aprofundamento acerca de diversos fenômenos culturais e sociais que envolvem o ser humano, como, por exemplo, as representações de feminilidade e do corpo feminino durante a história (Madureira, 2016).

Nesse sentido, ancorando-se na compreensão da cultura como organizadora de processos psicológicos, aborda-se a referência da cultura à mediação semiótica, por signos. Uma vez que a cultura é parte da organização da vida psicológica dos indivíduos, esses constroem diversas ferramentas culturais que servem para a administração da vida do ser humano como parte de um conjunto social. Dentro dessas ferramentas culturais, encontramos as formas de expressão artística e sistemas de significados que estão relacionados à satisfação de necessidades estéticas, ou seja, a beleza (Valsiner, 2012).

As representações visuais acerca da feminilidade e do corpo feminino nas artes visuais, nas pinturas, esculturas e na mídia, por sua vez, refletem valores, crenças e preconceitos presentes na sociedade e cultura na qual se encontram. Por isso, é preciso nos atentarmos à forma como vemos essas expressões visuais, para que possamos interpretar de forma mais aprofundada os sistemas de significação construídos historicamente nos quais essas representações estão inseridas (Madureira, 2016)

Os objetivos da pesquisa descrita no presente artigo se encontram listados a seguir:

Objetivo geral: analisar como a feminilidade e a corporeidade têm sido representadas na mídia na perspectiva de mulheres com diferentes pertencimentos étnico-raciais e de diferentes idades, a partir de diálogos interdisciplinares entre a psicologia e o campo das artes visuais.

Objetivos específicos:

- Analisar se os processos midiáticos afetam a percepção de mulheres acerca de seu próprio corpo;
- Investigar como a representação feminina nas artes contemporâneas e clássicas influenciam na percepção das participantes de seus próprios corpos;
- Refletir acerca das possíveis implicações de padrões estéticos hegemônicos no que diz respeito ao corpo feminino a partir do olhar dessas participantes.

Método

O desenvolvimento da pesquisa descrita no presente artigo foi ancorado na metodologia qualitativa. A pesquisa qualitativa tem como objeto de estudo o universo dos significados e as representações que se dão nas relações dos indivíduos com o mundo em que se encontram inseridos e, conseqüentemente, trabalha aspectos que não são, ou não deveriam ser, quantificáveis e devem ser expostos e interpretados pelos pesquisadores que os estudam, diferenciando-se, portanto, da metodologia quantitativa (Minayo, 2016).

Considerando a pesquisa qualitativa enquanto proposta epistemológica, é indispensável abordar a Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey. A Epistemologia Qualitativa pode ser definida como o esforço de buscar diferentes formas de produção de conhecimentos na Psicologia, que busca compreender a realidade em toda a sua complexidade e entende a cultura como detentora de papel fundamental no desenvolvimento humano (Madureira & Branco, 2001). Nesse sentido, na compreensão da pesquisa qualitativa como metodologia investigativa, é possível entender o conhecimento como construção, que possui caráter interativo, feita a partir da interpretação das informações produzidas no processo da pesquisa e reconhecer a singularidade como aspecto relevante e legítimo no contexto específico de pesquisa (González Rey citado por Madureira & Branco, 2001).

Dessa forma, com o intuito de explorar o universo de significados, objeto da pesquisa qualitativa, foram utilizadas imagens como ferramentas metodológicas. A utilização de imagens nesse contexto pode contribuir para o estudo realizado, uma vez que permite a abordagem de aspectos implícitos e indiretos em relação às questões estudadas, que, por algum motivo, podem ser mais delicados de serem discutidos e podem estar associados aos temas focalizados na pesquisa descrita nesse artigo (Madureira, 2016).

Assim, a utilização de imagens como ferramentas metodológicas para a investigação de fenômenos referentes à feminilidade e à aparência corporal de mulheres, como foi o caso da pesquisa descrita nesse artigo, é de grande validade para a busca da compreensão dos significados que os circundam (Madureira, 2016). Em uma pesquisa como essa, que procura entender como mulheres veem as representações da feminilidade e corporeidade feminina na mídia, é possível, por meio de imagens, abordar temas como diversidade de representações, objetificação feminina e envelhecimento, atribuindo valor significativo à discussão acerca dos impactos da mídia

e das representações visuais na contemporaneidade na forma como as mulheres se relacionam com o mundo.

Participantes

Os critérios de seleção para as participantes foram: mulheres de diferentes pertencimentos étnico-raciais e diferentes idades, na faixa etária entre 20 e 50 anos. A partir desses critérios foram selecionadas 3 participantes. A primeira participante, citada aqui com o nome fictício de Ingrid, é uma mulher branca de 22 anos, é estudante de Publicidade e Propaganda e trabalha como freelancer de design gráfico. A segunda, com o nome fictício Melina, é negra, tem 22 anos, é estudante de Psicologia e trabalha como produtora de conteúdo de uma empresa. Já a terceira, citada com o nome fictício Solange, é negra, tem 31 anos, possui graduação em Design de Moda e Administração, faz pós-graduação na área de Gestão de Pessoas e é dona de casa.

Materiais e instrumentos

Os materiais utilizados para o desenvolvimento da pesquisa foram celular na função de gravador, para a gravação da entrevista mediante o consentimento das participantes; roteiro de entrevista semiestruturada impresso, para o auxílio na condução da entrevista, visível apenas para a pesquisadora; computador, para a exibição das imagens selecionadas para a realização da entrevista; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) impresso e caneta.

Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram roteiro de entrevista semiestruturada e conjunto de imagens selecionadas previamente relacionadas ao tema da pesquisa.

Procedimentos de construção de informações

No momento inicial da realização da pesquisa, foram construídos os instrumentos, com a elaboração do roteiro de entrevista e a seleção das imagens, que foram então submetidos, juntamente com o projeto de pesquisa, ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP UniCEUB) por meio da Plataforma Brasil. Posterior à aprovação dos instrumentos e do projeto de pesquisa, foram realizadas 3 entrevistas individuais semiestruturadas, de modo integrado com as imagens pré-selecionadas. As entrevistas feitas foram gravadas, com o consentimento das participantes, e todos os procedimentos foram custeados pela pesquisadora.

As entrevistas foram realizadas em locais privados e convenientes para cada uma das participantes, sendo a primeira realizada na residência da primeira participante, a segunda na biblioteca de uma faculdade particular localizada em Brasília - DF e a terceira em uma sala de aula na igreja frequentada pela participante. Nos primeiros momentos de todas as entrevistas, foi informado às participantes que haveria sigilo com relação à identidade pessoal de cada uma delas, foi obtido consentimento para a gravação das entrevistas e apresentado o TCLE, que foi lido e assinado por elas.

Procedimentos de análise

As entrevistas foram gravadas, com o consentimento das participantes, e então transcritas pela pesquisadora. A partir das transcrições das entrevistas, foram criadas categorias analíticas temáticas, que permitiram a análise das informações trazidas pelas participantes. Por meio da análise de conteúdo, é possível ir além do que está explícito e revelar o que se esconde por trás daquilo que os/as participantes estão comunicando. Para isso, na análise de conteúdo temática, buscam-se temas, unidades de significação, que aparecem no discurso e cuja presença é significativa para aquilo que está sendo analisado (Gomes, 2016).

Então, partindo das categorias analíticas criadas a partir de temas importantes que se fizeram presentes nos discursos das participantes, considerando os objetivos da pesquisa, foram selecionados trechos das entrevistas que se mostraram relevantes para essas categorias, atentando-se para as convergências e divergências nos discursos das participantes. Assim, foi possível fazer uma análise do conteúdo da fala das participantes, usando como base a literatura que originou a fundamentação teórica da presente pesquisa, bem como os objetivos delimitados. As categorias criadas foram as seguintes:

- Feminilidade, corporeidade e mídia a partir do olhar das participantes.
- Questões de gênero e questões de pertencimento étnico-racial em discussão.
- Padrões estéticos hegemônicos, aparência corporal e sofrimento psíquico.

Resultados e Discussão

Serão apresentados e discutidos os resultados mais significativos encontrados na pesquisa, por meio de trechos de falas das participantes, referidas no artigo pelos nomes

fictícios Ingrid, Melina e Solange. As informações foram organizadas nas três categorias analíticas criadas que foram mencionadas anteriormente.

Feminilidade, corporeidade e mídia a partir do olhar das participantes

Nos remetendo aos discursos das participantes acerca das representações da mulher, da feminilidade e corporeidade na mídia, foi significativo observar que as participantes mais jovens e mais conectadas com redes sociais no geral, Ingrid e Melina, relataram que, em suas percepções, as representações têm sido muito mais diversas e inclusivas. As duas ainda relacionam isso com a maior capacidade, na atualidade, de cada pessoa gerenciar o conteúdo ao qual se tem acesso, possuindo maior autonomia no que diz respeito às imagens que chegam até elas. Ainda assim, a reflexão sobre o impacto da mídia sobre as pessoas é importante, uma vez que, mesmo em um contexto de maior autonomia sobre o conteúdo consumido, essa autonomia não é absoluta e as participantes não são completamente inatingíveis por influências externas.

A fala de Solange, que escolhe não utilizar tantos tipos de mídia, sobre o assunto, no entanto, não reflete as opiniões de Ingrid e Melina no que se refere à diversidade e inclusão nas representações midiáticas. Por meio de seu discurso, Solange expressou sentir que a forma como ela enxerga a representação da mulher atualmente, tanto no que se refere à feminilidade e quanto à corporeidade, não abre espaço para ela, que fez escolhas que ela sente que nem sempre são bem vistas atualmente. Quando questionada sobre se sentir representada na mídia, respondeu:

“Particularmente, não [me sinto representada]. (...) A gente vê muito dessa questão do próprio empoderamento feminino, do feminismo, do não preconceito, da não exclusão, mas eu percebo, por exemplo, eu sou uma mulher atípica no mundo de hoje. Uma mulher de 31 anos de idade, que, apesar de ter aí 2 cursos, fazendo pós-graduação, que no momento, decidi ser dona de casa.”

A fala dessa participante é de extrema relevância, uma vez que revela que, para ela, as representações da mulher na mídia atuais, que muitas vezes são vistas como mais diversas e inclusivas, acabam por impor sobre as mulheres uma nova versão estereotipada do que as mulheres deveriam ser. A partir desse ponto de vista, é possível o questionamento acerca das mudanças nas representações femininas na mídia, no que

diz respeito a substituição de um estereótipo idealizado por outro, igualmente excludente e causador de sofrimento. Ao invés disso, o ideal seria o estabelecimento do verdadeiro empoderamento feminino, que se refere à independência e liberdade das mulheres de serem o que quiserem.

Essas questões nos permitem refletir acerca da profundidade das mudanças observadas por Ingrid e Melina e nos questionar até que ponto a atual capacidade de personalização de conteúdo midiático é capaz de influenciar a nossa percepção acerca da própria mídia e da sociedade. Essa possibilidade de reflexão fica em evidência ao observarmos a fala de Melina, que reflete o posicionamento de Ingrid: *“Eu não quero ficar alimentando uma mídia que [não representa a população em geral], eu prefiro não estar muito em contato.”*

Quanto ao contexto onde as participantes menos se sentem representadas, as propagandas tiveram destaque. Uma vez que muitas das propagandas consideradas problemáticas se propõem a divulgar produtos direcionados ao público feminino, deve-se investigar quem está produzindo essas propagandas e quem é o verdadeiro alvo.

O que ocorre é que a publicidade reflete os ideais da sociedade, ou seja, aquilo que está representado nela está presente na realidade das pessoas que a consomem e se ancora naquilo que é familiar. É por esse motivo que é possível identificar nas propagandas a forma como se dão as relações de gênero em determinado contexto (Sabat, 2001).

Isso se evidencia ao partirmos do ponto de que o modo de olhar os homens e as mulheres nas produções artísticas mais utilizadas pela mídia é aquela que favorece o olhar masculino e transforma o corpo feminino em objeto de contemplação visual (Loponte, 2002). Assim, surgem os questionamentos acerca de quem realmente se beneficia dessa forma de representação visual da feminilidade e corporeidade e se essa produção artística não contribui veladamente para o estabelecimento de padrões estéticos hegemônicos.

Questões de gênero e questões de pertencimento étnico-racial em discussão

Um dos aspectos mais significativos acerca das questões de gênero e das questões de pertencimento étnico-racial presentes no processo de entrevista com as participantes foram situações que envolviam os cabelos das participantes. O cabelo é um aspecto importante quando se fala de feminilidade, uma vez que é um indicador muito significativo da tradicional figura feminina nas sociedades ocidentais e parece

tender a estar muito intimamente associado com sentimentos de feminilidade das mulheres.

Nesse sentido, foram muito significativos os relatos de Melina e Solange, ambas mulheres negras, de cabelos cacheados, que em determinados momentos de suas vidas fizeram alisamento e passaram por posterior processo de transição capilar para restaurar os cachos, que relataram situações em que foram desrespeitadas por funcionários de salões de beleza. Melina foi vítima de comentários que ridicularizavam seus cabelos cacheados quando era apenas uma criança e Solange teve seu cabelo alisado contra sua vontade enquanto se encontrava no período de transição capilar.

Tendo em vista a relevância dos relatos das participantes expostos anteriormente, é importante chamar a atenção para a discussão teórico-conceitual desenvolvida por Woodward (2000), que descreve a marcação simbólica das diferenças que constituem as identidades sociais feita a partir de sistemas classificatórios que dividem os grupos com base em suas características que podem ser baseados tanto por sistemas simbólicos quanto por formas de exclusão social. Assim, os relatos das duas mulheres expressaram, com clareza, o estabelecimento da diferença que marca suas identidades sociais, no caso seu pertencimento étnico-racial e seus cabelos típicos da mulher negra, por meio de atos que configuraram exclusão social através do racismo.

Os acontecimentos experienciados por Melina e Solange corroboram para a compreensão dos preconceitos, no caso, o racismo, como fenômenos de fronteira. Uma vez que se consideram os preconceitos como historicamente construídos e enraizados afetivamente, é possível defini-los como fronteiras simbólicas rígidas que criam barreiras culturais entre diferentes grupos e pessoas. Assim, a tentativa de violação dessas fronteiras resulta em discriminação, violência e intolerância, o que configura a manutenção da desigualdade e sofrimento psíquico naqueles que tentam desrespeitar essas fronteiras (Madureira & Branco, 2015).

Ingrid, por sua vez, sobre uma situação em que foi cortar o cabelo curto, conta: *“Quanto eu tava indo cortar o cabelo, falando pra [minha mãe] que eu queria cortar, né, ela virou pra mim, ela não queria que eu cortasse, e ela falou: ‘Vai perguntar para os seus amigos homens se eles vão te achar bonita’.”*

A situação vivenciada por Ingrid é um exemplo de objetificação feminina, que se encontra tão presente na nossa sociedade e foi exposta na fala de sua mãe. É possível, então, realizar a interpretação de que a objetificação da figura feminina, estabelecida historicamente, colocaram Ingrid em uma posição estereotipada em termos de gênero,

uma posição favorável à submissão e contemplação masculina, como se sua imagem e sua aparência corporal estivessem a serviço do espectador masculino (Berger, 1980). Ainda, é ensinado às mulheres, desde muito cedo, que a opinião masculina deve ser valorizada e que as mulheres devem cumprir certas expectativas para serem reconhecidas e respeitadas (Adichie, 2014).

Além da objetificação feminina presente, podemos identificar na fala da mãe de Ingrid expectativas heteronormativa e binárias, que constituem uma narrativa excludente e discriminatória. A forma como ela se expressa se remete à noção de que o cabelo longo está associado à feminilidade e com o que é ser mulher. Consequentemente, o cabelo curto seria não feminino ou sem feminilidade e, de acordo com esse posicionamento, implica que Ingrid, ao cortar o cabelo, seria tratada de uma forma diferente, menos feminina e, possivelmente, menos mulher.

Outro aspecto significativo que se fez presente foram as divergências nas percepções de uma das imagens previamente selecionadas apresentadas para as participantes no momento da entrevista, que pode ser observada no Anexo 1. Enquanto Ingrid e Solange viram na imagem a mulher negra em uma posição de submissão e subserviência com relação à mulher branca, Melina viu a mulher negra se inserindo e conquistando um espaço que nunca foi dela, provocando um sentimento de representatividade que contrasta com os sentimentos negativos que a imagem eliciou nas outras participantes. Essa divergência é significativa e mostra como as percepções individuais e as experiências pessoais e únicas influenciam a forma como é interpretado aquilo que se observa, o que mostra que o que é entendido pelo espectador nem sempre corresponde com a mensagem que se pretendia passar.

Isso se remete ao caráter subjetivo da forma como uma imagem é vista, uma vez que Berger (1980) atribui a percepção de uma imagem como um fenômeno variável que depende também do modo individual de cada um de perceber o mundo. Isso ocorre porque as imagens funcionam como artefatos culturais que remetem a processos de significação individuais decorrentes do contato de cada um com o mundo cultural em que se encontram inseridos, explicitando o papel ativo que as pessoas têm nos processos de significação (Madureira, 2016). No entanto, além do individual, diversas dimensões da construção da identidade influenciam na percepção de imagens, como, por exemplo, a classe social e o pertencimento étnico-racial. Nessa situação, a imagem, cumprindo seu papel de artefato cultural, contribuiu para o entendimento de fenômenos culturais e sociais, como questões raciais que tangem as representações femininas.

Padrões estéticos hegemônicos, aparência corporal e sofrimento psíquico

Quanto à presença de padrões estéticos hegemônicos no que se refere à aparência corporal, foi extremamente relevante que todas as participantes relataram incômodo ou sofrimento psíquico quando se viam diante de padrões estéticos hegemônicos não correspondentes a sua aparência corporal. Esse aspecto se fez mais presente, e presente com mais intensidade, no discurso das participantes mais jovens, Ingrid e Melina. Sobre a exposição a padrões de beleza quando era menor, Melina relata:

“Eu chorava. (...) Eu acho que eu chorava mais por não me aceitarem pelo jeito que eu era, porque eu não entendia, tipo por que que ela pode ser assim e eu não posso ser do meu jeito? Por que que não tá tudo bem eu ser desse jeito? Por que que eu vou ter que mudar e ela não? Por que sou eu que tenho que mudar, entendeu?”.

Nesse relato, é possível identificar uma comparação feita por Melina entre ela, que se via fora dos padrões de beleza estabelecidos, e as mulheres representadas na mídia. Dentro dessa comparação, se encontram os estereótipos, que ditam o que é reconhecido socialmente como beleza, e uma demarcação simbólica da diferença entre “nós” e “eles”, na qual Melina se identifica em uma posição de diferente das mulheres que são representadas na mídia. A partir disso, pode ser interpretado que Melina percebeu essa diferenciação de forma negativa, se sentindo desvalorizada socialmente por não estar em conformidade com os padrões estéticos hegemônicos estabelecidos pela mídia.

Ingrid, por sua vez, ao falar sobre a representação da mulher e do corpo na mídia, conta:

“Eu já tive muito problema de distúrbio alimentar, de distúrbio de imagem, então o meu corpo era um objeto ao meu ver e que ele não se encaixava e que eu era extremamente insatisfeita por um grande período de tempo e eu acho que muito dessa insatisfação vinha de eu olhar para os serviços que eu comprava e eles me falarem que, tipo, aquele corpo [que eles mostravam] era

o normal, que aquele era o corpo bonito e que... era aquilo que a gente devia almejar ser, sabe?”.

Os relatos de Melina e Ingrid, que expõem sofrimento tão intenso, levam ao questionamento sobre o quão comuns são esses sentimentos e sintomas em mulheres. Ainda, mostram como as representações acabam por ir mais além do que imagens em revistas ou sites e são internalizadas por aqueles que as consomem, causando impactos concretos em suas vidas. Em um contexto como o atual, no qual as sociedades são caracterizadas pelo excesso informacional e as representações visuais são constantes, as imagens expostas na mídia deixam de ser apenas representações e passam a ser vistas como a realidade (Novaes, 2013). Quando as imagens apresentadas pelas mídias não celebram a diversidade e não representam a realidade como é de fato, esse contexto, e a internalização das representações visuais como realidade, se torna adoecedor.

Nesse sentido, as falas apresentadas representam com bastante clareza o sofrimento e o mal-estar que as imagens que acabam por constituir padrões hegemônicos de beleza propagadas na mídia podem causar. Pelos relatos, foi possível analisar a forma como as representações visuais influenciaram o sentido que as participantes atribuíram às suas experiências e a forma como o corpo se relaciona com a formação das identidades (Woodward, 2000). Então, nesse contexto específico, a falta de diversidade de representações e de valorização de suas identidades se traduziram em sofrimento.

Ainda, se entendermos o corpo como um veículo de sentido, que é, invariavelmente, influenciado pelo social e o cultural e que permite que as pessoas construam a sua relação com o mundo (Le Breton, 2007), o relato de sofrimento das participantes se mostra ainda mais significativo. Isso uma vez que os padrões estéticos hegemônicos observados por elas na mídia fazem parte da representação da feminilidade e, conseqüentemente, têm papéis essenciais na produção de significados no que diz respeito aos seus processos de identificação, que, nessa situação, as colocam separadas do que é socialmente considerado “ideal”. Esse sentimento se torna claro com a seguinte afirmação de Ingrid: *“É muito difícil você viver numa sociedade que fala que você não é certa”*.

Tendo em vista que as representações visuais dos corpos estão entrelaçadas com os estereótipos e os valores culturais das sociedades (Serrano-Barquín, Serrano-Barquín, Zarza-Delgado & Vélez-Bautista, 2018), é comum que os indivíduos tentem estar em

conformidade com os padrões estéticos hegemônicos disseminados pela mídia ou desejem se ver representados nas imagens passadas por ela. Com ideais de beleza mais rígidos para as mulheres, a tentativa de adaptação a eles ou a falha em se reconhecer nas representações visuais da mídia podem levar a sentimentos de inadequação e sofrimento psíquico. Ao compreendermos a expressão corporal como uma forma de comunicação influenciada pela aparência (Serrano-Barquín et al., 2018), esses sentimentos e esse sofrimento são capazes de inibir a expressão da individualidade e podem interferir negativamente em diversos aspectos da vida de diferentes mulheres, principalmente aquelas que se encontram em grupos socialmente marginalizados.

Considerações Finais

A pesquisa descrita no presente artigo foi capaz de expor o impacto significativo das representações visuais disseminadas pelas mídias na vida de diferentes mulheres de diferentes pertencimentos étnico-raciais e diferentes idades. Em um contexto atual tão marcado pela forte presença das mídias no cotidiano de grande parte das pessoas, os resultados apresentados pela pesquisa puderam mostrar a forma como essas representações visuais e as questões que as circundam possuem consequências para a formação da identidade de mulheres e para o seu relacionamento com seus corpos. Na construção de reflexões acerca desse tema de representações visuais de feminilidade e corporeidade, foi possível a análise de percepções múltiplas acerca de uma fração da realidade de diversidade que é ser mulher na contemporaneidade.

A pesquisa, no entanto, teve algumas limitações, principalmente relacionadas ao curto tempo disponível para sua realização. Uma pesquisa mais longa permitiria o aprofundamento da revisão de literatura e a realização de entrevistas com mais participantes, enriquecendo ainda mais a discussão. Ainda, com o intuito de aprofundar-se cada vez mais e compreender cada vez mais o tema em questão, pesquisas futuras poderiam ampliar a faixa etária das participantes, promovendo maior multiplicidade de pontos de vista. Ainda, uma pesquisa futura sobre a temática poderia promover um grupo focal, além da realização das entrevistas individuais, possibilitando debate livre e fluido sobre o tema em um grupo diverso de mulheres, o que poderia oferecer uma nova perspectiva sobre os assuntos investigados.

Diante dos relatos de sofrimento apresentados e os impactos que as representações visuais apresentadas na mídia tiveram na vivência das mulheres que

participaram da pesquisa, se faz presente a importância social de reflexões acerca da corporeidade e feminilidade em um contexto no qual o corpo se encontra em destaque. Ao darmos visibilidade para uma temática tão corriqueira, permitimos a promoção de novas reflexões, sob novos pontos de vista e perspectivas diversas. Essa promoção de reflexões, ainda mais as que levam em conta a multiplicidade de formas de existir no mundo e a diversidade inerente à condição de ser humano, gera aprendizado e o aprendizado pode pavimentar o caminho para a mudança e para uma realidade na qual a angústia dessas mulheres não fosse tão cotidiana.

Referências Bibliográficas

Adichie, C. N. (2014). *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras.

Berger, J. (1980). *Modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes.

Eiras, N. (2020). *Os Filtros do Instagram Estão Mudando a Nossa Aparência na Vida Real?* Retirado de: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais>

Galinkin, A. L. & Zauli, A. (2011). Identidade social e alteridade. Em C. V. Torres & E. R Neiva (Orgs.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 253-261). Porto Alegre: Artmed.

Gomes, R. (2016). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 72-95). Petrópolis – RJ: Vozes.

Grabe, S., Hyde, J. S., & Lindberg, S. M. (2007). Body objectification and depression in adolescents: the role of gender, shame and rumination. *Psychology of Women Quarterly*, 31(2007), 164-175. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2007.00350.x>

Harrison, K. (2000). The body electric: Thin-ideal media and eating disorders in adolescents. *Journal of Communication*, 50(3), 119–143. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2000.tb02856.x>

Le Breton, D. (2007). *A sociologia do corpo*. Petrópolis – RJ: Vozes.

- Le Breton, D. (2016). *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis – RJ: Vozes.
- Loponte, L. G. (2002) Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. *Estudos Feministas*, 10(2), 283 – 200. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n2/14958.pdf>
- Madureira, A. F. A. (2016). Diálogos entre a Psicologia e as Artes Visuais: as imagens enquanto artefatos culturais. Em J. L. Freitas & E. P Flores (Orgs), *Artes e Psicologia: Fundamentos e Práticas* (pp. 57 – 82). Curitiba: Juruá.
- Madureira, A. F. A., & Branco, A. U. (2001) A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. *Temas em psicologia* 9(1), 63-75. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v9n1a07.prd>
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2015). Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), 577-591. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n3/v23n3a05.pdf>
- Minayo, M. C. S. (2016) O desafio da pesquisa social. Em M. C. S. Minayo (Org), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 9 – 28). Petrópolis – RJ: Vozes.
- Novaes, J. V. (2013). *O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio e Garamond.
- Rosenblum, G. D., & Lewis, M. (1999). The relations among body image, physical attractiveness, and body mass in adolescence. *Child Development*, 70(1), 50–64.
<https://doi.org/10.1111/1467-8624.00005>
- Sabat, R. (2001). Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Estudos Feministas*, 9(1), 9-21.

Santaella, L. (2012). *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos.

Serrano-Barquín, C., Serrano-Barquín, H., Zarza-Delgado, P. & Vélez-Bautista, G. (2018). Estereótipos de género que fomentan violencia simbólica: desnudez y cabellera. *Revista Estudos Feministas*, 26(3), 1–14.

<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n344848>

Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Tradução de Ana Cecília de Sousa Bastos. Porto Alegre: Artmed.

Vasconcelos, N. A., Sudo, I., & Sudo, N. (2004). Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 4, 65–93. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v4n1/04.pdf>

Woodward, K. (2002). Identidade e diferença: uma introdução conceitual. Em T.T. Silva (Org), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7 – 71)

Anexos

Anexo 1. Imagem da seleção de imagens apresentadas.

